



## “Tenho a ilusão de que aquilo que faço serve para alguma coisa”

*Aos 45 anos, Conceição Lino tem novo desafio no entretenimento, longe do percurso de informação. Inflexão de carreira ou passo com possível meia volta? “Boa Tarde” estreia na próxima segunda-feira. ENTREVISTA DE ANA*

*SOROMENHO E KATYA DELIMBEUF*

**J**ornalista da casa desde a fundação da SIC, Conceição Lino foi a escolha para substituir Fátima Lopes, em trânsito para a TVI. Não é uma troca óbvia. Conceição é uma sénior da redação de informação que agora ficará responsável pelo programa da tarde. Com um longo percurso de credibilidade construído junto do público, acredita que conseguirá conciliar o mundo do entretenimento com a seriedade do jornalismo. Quem a conhece sabe do que ela é capaz. Discreta e exuberante, a São, como é tratada entre pares, tem uma postura de rigor inflexível mesclada com uma ironia finíssima, capaz de fazer a pla-

teia desmanchar-se a rir. Habituada a estar do lado de quem questiona, a pivô não gosta nada do papel de entrevistada. Esta conversa é atravessada por esse desconforto.

**“Boa Tarde”, o programa que estreará esta semana, é a sua primeira incursão no entretenimento. Dentro das estações de televisão, o lugar do entretenimento e da informação não se cruza.** Esse preconceito existe, mas o que me interessa é o fator comunicação. É isso que me atrai, sempre foi.

**Ficou surpreendida com o convite?** Estava programada para continuar o “Nós por Cá” e continuaria a fazê-lo mais dez anos sem me cansar. Só estou aqui porque a apresentadora do

programa da tarde, Fátima Lopes, saiu deste horário e viram em mim capacidades de comunicação e de empatia com o público. Tenho uma história junto das pessoas, que se habituaram a ver-me em projetos como “Praça Pública”, “Hora Extra”, “Nós por Cá” e sentem que o meu interesse por elas é genuíno. A direção de informação cedeu-me porque achou que era importante para a SIC como um todo.

**O que a fez aceitar?** Pensei: “Olha, isto se calhar é divertido. Vou ter de ter outro registo, mais descontraído, mas isso é bom, é mau? Claro que é bom! Porque não?” Algo me diz que me vou adaptar e divertir.

**Poderia ter recusado?** Poderia,

“A IRONIA FAZ PARTE DO MEU CARÁTER, MAS É PRECISO TER MATURIDADE PROFISSIONAL PARA CONSEGUIR USÁ-LA COM À-VONTADE”

estou preocupada com isso. E mesmo que estivesse, o que adiantaria para aquilo que tem de ser feito?

**Teve algum contributo no desenho do programa?** Ainda estou a ter. É um modelo que se vai apurando. Não quero um modelo fixo, que me oprima. A graça é poder não ter grandes limites e há muitos temas que cabem num programa deste tipo. O

desafio é pensar como é que vamos tratar este assunto de forma apetecível, “vamos fazer reportagem sobre isto, ou fazemos só entrevista em estúdio?”. Depois é preciso perceber como é que se transformam os assuntos para televisão.

**Vai ser o formato de maior entretenimento que terá feito até agora.** Quando se referem a entretenimento estão a falar de quê? De levar um artista que acabou de lançar um disco que vai apresentar o novo trabalho? Neste momento, os programas de entretenimento têm entrevistas, pessoas que contam a sua história, conselhos úteis sobre isto ou aquilo na área da saúde, da nutrição... A forma como se mistura todos estes ingredientes é que distingue os géneros. Por definição não gosto de classificações. Quando fazia o “Nós por Cá”, nunca gostei da designação de jornalismo de cidadania. Interessa-me saber que assuntos podemos levar àquele programa, que histórias de vida podemos ter e como as vamos trabalhar. Isso é que é televisão.

**Mas há cedências que se têm de fazer para conquistar espaço e audiências.** Sobre isso não posso responder. Não sei que exigências me serão colocadas à medida que o tempo avança.

**Quais os limites que não ultrapassa?** Não sei... Não farei nada em que me sinta desconfortável. Não me consigo imaginar a

não ser eu.

**Quanto tempo vai durar o programa?** Não é definido. Se eu tiver uma síncope, acaba (risos). Este tipo de programas não tem episódios...

**Não receia que a deixem de ver como jornalista? Que a passem a ver como apresentadora?**

Nem penso nisso. O que faz de mim jornalista é o interesse que tenho pelos assuntos, pelas pessoas, pelo país e pela forma como este está organizado ou desorganizado. Vou fazer um programa com outras características, mas não deixo de ser jornalista. Não sou fundamentalista. Só não torno a ser jornalista se não quiser e não conseguir, não me interessa o reconhecimento. Aquilo que me dá mesmo gozo é um trabalho bem feito, giro. E isso não há nada que pague.

**Não é muito vulgar, aos 45 anos, depois de um percurso feito na informação ir experimentar as luzes do entretenimento.** Viva a invulgaridade! Se agora me pusesse a pensar sobre a invulgaridade deste meu percurso, com esta idade, em vez de me focar no que tenho que fazer em concreto, estaria a valorizar aquilo que para mim é menos valorizável. Vamos lá, e depois logo se vê! Eu própria vou descobrir. O que é aliciante é levar tudo o que aprendi. Sei do que sou e não sou capaz e do que me vejo, ou não, a fazer. É uma questão de intuição, isso é muito importante. A matéria-prima com que trabalho são as pessoas. Muda o registo, mas as pessoas são as mesmas. Vou ter de me interessar, investigar, envolver-me, indignar-me. Tudo isto já fazia, só que agora não vou estar tão distante. Não serei tão formal.

**O que dizem os seus colegas desta mudança?** Falam-me no corredor, têm tido reações muito simpáticas. Também quando não são simpáticas, não

chegam a nós, portanto só registo o que é bom (gargalhada). Mas quem me conhece, não estranha. Sabe que me posso divertir com o que vou fazer.

**O seu sentido de humor é um traço marcante que quem conhece bem refere sempre. É tentador poder trabalhar agora essa faceta da sua personalidade?** É verdade que a ironia faz parte do meu caráter, mas é preciso ter maturidade profissional para conseguir usá-la com à-vontade e agora haverá espaço para isso. Até porque terei de pôr as pessoas à vontade. O estúdio é uma situação fria, inibe. Se não conseguir fazer isso, o programa não é eficaz. **Em casa, que feedback é que teve?** A minha mãe, por exemplo, disse-me: “Até que enfim que te vais divertir”... Já chega de desgraças...

**Há um lado de espetáculo que a diverte?** Não me assusta particularmente.

**Em 2007 foi convidada por Diogo Infante para cantar jazz no Teatro Maria Matos. Gostava desse palco?** Fiquei muito nervosa, o que não é bom porque quando se canta a voz fica alterada. Só pensava: “Mas porque é que me meti nisto?!” Mas foi um dia maravilhoso.

**Teve aulas de canto durante 15 anos. Gostava de ter sido cantora?** Gostava de fazer isto mais vezes, mas nunca mais ninguém me convidou... (Risos) Agora interrompi a minha aula por excesso de trabalho. Mas não consigo imaginar a minha vida sem música. Fico comovida quando vejo um cantor a brilhar. Acho maravilhosa aquela dádiva ao público, é de uma enorme generosidade podermos usufruir desse trabalho.

**Vê-se a cantar no novo programa?** Ai não sei... Pode ser, fiquem a ver... (risos)

**Também fez rádio. Teve a ver com esse trabalho de experimentar a voz?** Sim, mas não era

**CONCEIÇÃO LINO**  
RECUSA RÓTULOS  
PARA O QUE FAZ  
EM TELEVISÃO. O  
QUE A MOVE SÃO  
AS PESSOAS, O QUE  
LHE INTERESSA É A  
COMUNICAÇÃO.  
CHAME-SE INFOR-  
MAÇÃO OU ENTRE-  
TENIMENTO

FOTOGRAFIAS TIAGO MIRANDA

se me tivessem dito “tens de fazer um programa assim e assado...” Mas puseram-me à vontade. Conhecem-me. Sabem que resultado tanto melhor quanto mais me identificar, se puder ter a última palavra. Não significa que não cometa erros, mas tudo que faço tem de ser à minha medida, se não, não dá.

**O que diz de quererem fazer de si a próxima Fátima Lopes?**

Quem é que anda a dizer isso? Acho que vai dar muito mau resultado...! (risos)

**Vai ocupar o espaço deixado por ela.** Em televisão isso é o mais comum. Cada vez que aparece um projeto novo é para substituir outra coisa qualquer que lá estava.

**Mas há figuras marcantes.** Não



isso que me entusiasmava nesse meio. De início, na Rádio Mais, punha música e dizia umas coisas que achava um bocado patetas: “São tantas horas, ouvimos isto, vamos ouvir aquilo...” Faltava ali alguma substância, ou um à-vontade que eu ainda não tinha. Na Rádio Minuto fiz umas entrevistas com figuras públicas a falarem sobre Lisboa; e mais tarde tive um programa de entrevistas na Rádio Comercial, “Os Bons Rapazes”, com a Paula Moura Pinheiro. Entrevistávamos figuras como Álvaro Cunhal, António Guterres, Carlos Carvalhas... **Ao longo de 18 anos na televisão, não deve ter sido fácil manter sempre a verticalidade e integridade que lhe são apontadas.** Tenho muita sorte. Nunca tive que fazer concessões de espécie alguma.

**O que foi para si mais penoso na adaptação a este meio?** Não gosto de dar entrevistas, de ter de me arranjar, da maquilhagem. No fundo, não gosto de nada que tenha a ver com a imagem.

**É um contrassenso.** Sim, mas é verdade.

**Nos programas de entreteni-**

**mento, a exposição é muito maior e a Conceição é muito reservada. Saberá defender-se?**

Não acho que tenha de deixar de ser reservada. Essas coisas sou eu quem defino. Falei disto ou daquilo se estiver disposta. Na minha vida privada ninguém entra.

**Nem sempre se consegue controlar.** Não tenho de fazer cedências que me desagradem. Já tenho uma exposição diária, não sou obrigada a ter outra.

**Esteve sempre muito empenhada em programas que dão voz aos cidadãos, o tal jornalismo cívico, cujo rótulo não gosta.**

**Essa preocupação com as pessoas é uma faceta muito sua.**

**Nesse sentido o “Nós por Cá” foi um programa à sua medida?**

Tenho a ilusão de que aquilo que faço serve realmente para alguma coisa e envolvo-me. Dar visibilidade a coisas pequeninas que são importantes, que num jornal nem sequer dariam uma breve, e ali ganharam dimensão de *prime time*, foi um divertimento. Agora, vou continuar a fazer isso, mas de outra maneira. A vida tem muitas desgraças, mas há coisas boas. Vamos lá concentrar-nos nelas e animar-nos!

**Escolheu jornalismo nessa ideia de que podia fazer a diferença, mudar o mundo?**

Não. Foi por exclusão de partes. Pensei em Direito, mas achei que ia estar cinco anos a fazer uma coisa maçadora e havia um curso novo que era Comunicação Social. Fui ver que disciplinas tinha e achei aquilo tudo interessantíssimo, porque não me obrigava a afunilar para uma só área. Não sou pessoa de correr numa única direção. O curso serviu para me dar uma visão abrangente do mundo.

**De onde lhe vem essa preocupação com as pequenas coisas?**

Talvez do tempo em que queria ser assistente social. Toca-me muito o que acontece aos outros. Tem a ver com o que aprendi com a minha família e com os valores que me transmitiram, de não atropelar, de ser generosa. Desde pequena que me lembro de partilhar. O meu trabalho acaba por ter esse lado de fazer coisas úteis.

**É o seu lado ‘boazinha’...** E tenho muito orgulho em ser boazinha. Mas também não venho para aqui mudar a vida dos outros. Só dar-lhes atenção, ouvi-los. ■

“NÃO GOSTO DE DAR ENTREVISTAS, DE TER DE ME ARRANJAR, DA MAQUILHAGEM. NO FUNDO, NÃO GOSTO DE NADA QUE TENHA A VER COM A IMAGEM”

asoromenho@expresso.impresa.pt